



“Santo, Santo, Santo”



Asdrubal Baruffaldi*

Entediado com o vigente e incessante clima político, voltei-me para o aconchego nostálgico da música e, com surpresa, vi ser o número 1.094 de “Recreio no Ibaté III” o titular seriado dos improperios de “POPULE MEUS”, composição sacra de GIOVANNI PIERLUIGI DA PALESTRINA.

Nada mais dignificante para a ânsia de reviver uma saudosa lembrança.

Transpus os umbrais do tempo e aterrissei no turbulento 1954, ano do IV centenário de São Paulo, para cujo louvor e honra havia sido inaugurada a sua nova e majestosa Catedral, onde passaram a ser oficiadas as mais belas cerimônias religiosas de que participei.

Sendo uma Sexta-Feira Santa, revivi a “Adoração da Cruz” com o Coral alternando o hino e os improperios de “POPULE MEUS”, um candente grito de dor da Vítima sagrada por não lhe reconhecerem a inocência e, resignado, consentia em nosso perdão pelo Pai três vezes SANTO:

“POPULE MEUS, QUID FECI TIBI, AUT IN QUO TE CONSTRISTAVI? - RESPONDE MIHI”

(Povo meu, o que eu te fiz? No que te contristei? - responde-me)

“AGIOS O THEOS, AGIOS ISCHYROS, AGIOS ATHANATOS”

(Ó Deus Santo, Santo Forte, Santo e Imortal)

“ELEISON IMAS”

(Tende piedade de nós)



Catedral da Sé



Orgão 12 mil tubos

Haveria forças sem lágrimas para ver e ouvir uma celebração revestida de tal mística beleza sem que PALESTRINA obtivesse o nosso reconhecimento?

Eis nosso louvor! Deve-o ao memorável Coral do Seminário Central do Ipiranga regido pelo saudoso maestro e compositor Padre João L. Talarico: - uma Escola viril encantando os ouvidos com a pureza angelical e exótica dos sons!

Ouçõ ainda a ressonância da “TOCATA E FUGA EM RÉ MENOR” de BACH, atemorizando as pétreas colunas da Catedral aos vibrantes acordes que FRACALANZA, o maestro e organista italiano, imprimia ao teclado do possante e sonoro Órgão cuja inauguração apadrinhava, para depois ouvirmos as peças litúrgicas do inolvidável compositor F.FRANCESCHINI, vulto eminente da música sacra, sobretudo no referido Seminário, onde regeu soberanamente por longos anos.

Muito haveria a relatar nesta viagem de sonhos e saudade, e da qual participaram tantos amigos, colegas mestres e vultos de preciosa lembrança cuja menção e relevância excedem esta capacidade de tributar o justo prêmio.

(*) Asdrubal Baruffaldi, 84 (49/53), também foi aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é artista plástico, escritor e advogado. Reside em Ourinhos-SP asdrubal1932@gmail.com

NOTA DO AUTOR:

No dia 22/06 concluí este pequeno trabalho inspirado nos fatos ocorridos em 1954, quando cursava no Seminário Central do Ipiranga, integrando o seu memorável Coral e participando das comemorações do IV Centenário da fundação de São Paulo, sendo favorecido pelas inaugurações da Catedral e do seu “imenso Órgão de 12 mil tubos”, como vejo relatado à fl A23, de “O Estado de S. Paulo” do dia 25/06/2016.

O Tombamento da Praça da Sé e da Catedral pelo Condephaat anunciado no dia 25 seguinte ao de 22, surpreendeu-me pela menção dos fatos paralelos aos que me inspiraram a redação de “Santo, Santo, Santo”, sem que nenhum vazamento ocorresse entre esses trabalhos, quer pelo meu terminado e datado em 22 de junho, mas não remetido à publicidade e o constante da publicidade da folha A23, de “O Estado de S. Paulo”.

Se tal coincidência me alegra e satisfaz, cumpre justificar-me para que meu trabalho não simule um tênue reflexo de plágio do que foi publicado em “O Estado de S. Paulo”, uma vez pendente da imperiosa publicidade posterior do ECHUS DO IBATÉ.

EDUARDO CAIAPÓ



Paulo Francisco Toschi*



Foto-autoria: Eduardo Rodrigues Pozzebom-Agência Brasil

Diz a Wikipédia, em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caiap%C3%B3s>, acessada em 16-07-2016, às 23hs05min, que “o termo Kayapó é um **exônimo** que data do início do século XIX, tendo sido criado por grupos indígenas vizinhos desta etnia. Significa 'homens semelhantes aos macacos' e está, provavelmente, ligado a certos rituais do grupo, nos quais os homens dançam usando máscaras de macaco. O **endônimo** dos chamados kayapó é mebengokre, que significa, literalmente, 'homens do buraco (ou poço) d'água'.

Evidentemente, eu jamais soube o que fosse um exônimo e, muito menos, um endônimo. Isto é coisa para Quinzinho e outros. Tive que pesquisar. Os dicionários de que disponho para consulta imediata, o míni Houaiss e o minidicionário Soares Amora não registram tais palavras. Fui buscar na internet, ou seja, na própria Wikipédia. Fantástico. Descobri que os exônimos se dividem nas seguintes categorias: os exotopônimos, os exantropônimos, os (exo)etnônimos e os heteroglotônimos. Já o endônimo é nada mais, nada menos, que o oposto do exônimo. Simples, assim. Como é que eu, já beirando os oitenta, torcendo para chegar lá, não sabia de coisa tão evidente? Diz a explicação que os exônimos são nomes estrangeiros para os nomes próprios, especialmente para topônimos, ou seja, nomes de lugares ou feições geográficas. Já o endônimo é o nome nativo ou autóctone. Uma classificação tão simples, tão intuitiva. Como é que os queridos professores do Ibaté nunca me ensinaram isto? E os respeitadores professores do Colégio Estadual Presidente Roosevelt, onde cursei o ensino médio, depois de São Roque? Nem os meus mestres da faculdade? Fiquei pasmo. Vivendo e aprendendo. Caso eu chegue aos 90 anos, talvez fique sabendo o que seja um exantropônimo. Suponho que não seja coisa para gente que tenha menos de nove decênios de vida ficar sabendo.

Isto me faz lembrar o dia em que eu, menino ainda, fui indagado por minha irmã Maria de Lourdes, mais moça do que eu, sobre como as crianças surgiam na barriga da mãe. Claro que eu não poderia deixar minha irmã sem resposta, nem mostrar ignorância. Comecei a dar uma explicação exdrúxula, logo interrompida por minha mãe que estava por perto, tendo corrido, aflita, para me afastar de minha irmã, antes que a flor da inocência fosse posta em ameaça. Levou-me para o quarto próximo, fechou a porta, para a menina não entrar, e disse: “você não pode explicar estas coisas para sua irmã - ela é muito pequena, ainda”. Não sei como minha mãe pôde imaginar que eu soubesse alguma coisa a respeito. Eu, absolutamente, também não sabia. Certamente, não tinha pé nem cabeça o que eu iria dizer. Fiquei, porém, convencido da minha profunda ciência do assunto, assim repentinamente adquirida, tamanha foi a ênfase da reação de minha progenitora. Anos depois, fui para o seminário e, se eu nada sabia, menos ainda fiquei sabendo. Lembro do dia em que o Padre Paschoal Amato, o nosso Diretor Espiritual, numa daquelas convocações mensais para prestação de contas em seu quarto (das quais eu sempre procurei fugir, mas nunca deu certo), me disse: “olhe aqui - você está crescendo, tem uma coisa que precisa saber, quem tinha que explicar isto a você era o seu pai, mas, como você está longe dele, cabe a mim fazer isto. É o seguinte: se você sentir algumas coisas estranhas, algumas coisas novas acontecendo em seu corpo, não fique assustado, é assim mesmo. Não é nada errado, não”. Mais ele não disse e mais eu não perguntei: achei melhor ficar na minha. Talvez lembrando da história de minha irmã e minha mãe, percebi que o assunto podia beirar uma região perigosa e resolvi responder, tão somente: “sim, senhor!”. Saí de São Roque antes de completar os meus 16 anos, tão ignorante como quando entrei. Rapidamente, porém, a vida me atualizou. Quinze dias após ter voltado para casa, fui instado a ingressar no meu primeiro emprego, na empresa onde meu pai era o gerente. Era uma loja de gente muito religiosa, mas, (acredito que meu pai não soubesse disso) os três colegas com os quais fui trabalhar eram uns depravados ou assim resolveram se mostrar, pelo prazer de atormentar o filho do gerente, que tinha cara de santinho: falavam besteiras o dia inteiro, principalmente contando bravatas com meninas, que eram descritas com detalhes sensuais e irresistíveis. Eu ficava envergonhadíssimo, mesmo porque descobri ser ignorante de muitas coisas. As funcionárias da loja, então, logo perceberam meu encabulamento e também procuravam me azucrinar: a seção onde eu trabalhava ficava à beira de uma escadaria longa e estreita, de madeira, com corrimão, que levava do térreo ao terceiro andar, onde estava a área privativa das moças daquele estabelecimento; o dia todo era um sobe e desce de saias

curtas, que deixavam ver muito mais que joelhos, com as meninas dando uma paradinha, ao passarem pela minha seção, quando, então, faziam algum gracejo para me deixar constrangido e enrubescido. Evidentemente, durou pouco a brincadeira, pois, logo, os antídotos que me foram impingidos, quando eu estava protegido pela sombra do Sabóó, começaram a perder efeito.

Mas, o que tudo isto tem a ver com o Eduardo Caiapó? Melhor dizer logo quem ele foi. Não adianta procurarem na internet. Fiz isto, ao começar a escrever este pequeno conto, mas, não achei nenhuma pessoa com esse nome; apenas constatei que os índios Kayapós haviam participado de uma reunião com o então ministro José Eduardo Cardoso. Todavia, clicando em imagens, encontrei mais de trezentas fotos relacionadas a Eduardo Caiapó. O Google é assim: quando eu digito o meu nome na caixa de pesquisas, selecionando a opção imagens, tudo aparece, sendo rara uma foto minha. Até uma relação de diáconos ordenados é apresentada, coisa que nada tem a ver com a minha pessoa. Mas, voltando ao Padre Paschoal Amato, era ele, no meu tempo, o responsável pelo Círculo Literário. Havia, no início dos anos 50, o Grêmio e o Círculo. Nunca cheguei a ser do

Grêmio. Nem em São Roque, nem em Porto Alegre. Na época, fui convocado para apresentar uma poesia sobre Nossa Senhora, na reunião do Círculo Literário, que seria realizada no fim do mês. Não achei na paupérrima biblioteca de então nenhuma poesia mariana que ainda não houvesse sido apresentada pelos demais colegas. O que fazer? Talvez, levado pela experiência anterior com a pergunta de minha irmã sobre o nascimento das crianças, puz em prática o meu lema: “Quem não sabe, inventa!”. Compus uma poesia sobre Nossa Senhora, que se perdeu nos arquivos do Círculo e também em minha memória. Lembro apenas que dizia respeito a um fim de tarde, bucólico, onde as badaladas do sino de humilde capela anunciavam a hora da Ave Maria. Como de hábito, tive que submeter minha composição à censura prévia do Padre Paschoal Amato. Leu, deve ter achado uma porcaria, e comentou o nome do autor: “Eduardo Caiapó? Quem é esse índio?” Olhando-me de soslaio, acrescentou, com um toque irônico: “Tudo bem, pode apresentar!”. Fiquei tão decepcionado com o meu fracasso poético que esqueci os versos que compuz. Ainda bem, pois iriam destoar das trovas, sonetos e odes dos ilustres vates ibateanos que “exegerunt monumenti aere perennii”, como diria Horácio.

(*) Paulo Francisco Toschi, 78 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

SONETOS...



Joel Barbieri*

CANTA CIGARRA

Canta cigarra, canta. É Primavera!
Alegres e gárrulos passarinhos
preparam pressurosos os seus ninhos
e o sol no resplendor do céu impera.

É tempo de se amar, de ser amado,
de ouvir nas tardes quentes e fagueiras
o canto dos sabiás nas laranjeiras;
há flores a se abrir por todo lado.

Destilam as ramagens, sem alarde,
cícios de ternura e nostalgia,
no auge do arrebol, bem no fim da tarde.

É tempo do aflorar da nova era,
de sonhos, de ventura e de magia.
Canta cigarra, canta. É Primavera.

O RISO

Quantos que vivem rindo, zombeirões,
gargalhando a bandeiras despregadas,
escondem tristezas, desilusões,
e choram amargamente nas caladas.

O riso deve ser bem moderado,
alegre, inteligente, natural,
sem pecha de qualquer dano causado
que possa parecer descomunal.

O riso, universal e salutar,
se não tem do sorriso a compostura,
é bem mais fácil rir do que chorar.

Nas horas de lazer, de ledó ócio,
distante da tristeza que amargura,
o riso e, na verdade, um bom negócio.

(*) Joel Hirenaldo Barbieri, 78 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br

MORTE DO POETA GIUSTINO BOTTARI

“Omnibus moriendum est!” (provérbio latino)

Letterio Santoro*



Por estranha e admirável coincidência, a edição eletrônica de nº 143 de nosso Echus do Ibaté publicou, na coluna Na Casa do Pai, entre outros, o falecimento de duas pessoas muito queridas: o de Judite Zago Santoro, minha amada esposa, companheira de quarenta anos, acompanhante em vários Encontros bienais no Seminário de São Roque, artista plástica, que Deus levou aos 78 anos; e o de Giustino Bottari, morto aos 76, poeta dos maiores no colégio (1958-1959), cuja obra tentei na época valorizar organizando uma antologia de nome Arpejos da Aurora com vários de seus poemas, sobre o qual escrevi uma crônica em nosso Boletim Informativo, a partir da qual iniciamos uma curta correspondência por e-mail, inexplicavelmente abortada.

Como todos devem morrer (“omnibus moriendum est”), pois é a lei da vida, console-nos a certeza de que, como diz Santo Agostinho a respeito de alguém a quem muito queria, “nec misere moriebatur nec omnino moriebatur”, isto é, “nem morria miseravelmente, nem morria de modo algum”, porque vivia em Deus, segundo nos garante a Fé. O que nos cabe fazer diante da inevitabilidade da morte é tratar de viver bem a vida, lembrando os dias bons vividos com essas pessoas queridas - o Giustino Bottari e a Judite Santoro - que por sinal foram para junto de Deus no mesmo mês de maio de 2016, mês de maio sempre tão bonito e tão cantado nos dias de nossa infância e adolescência. E celebrar em prosa e verso as lições de vida por eles deixados. “De mortuis nisi bene!”

Sobre a pessoa de Judite Zago Santoro, sempre ao meu lado, escrevi e publiquei no facebook e no jornal Comarca de Garça a crônica “Vida, paixão e morte de uma cidadã garcense”, inspirada em epígrafe de Horácio (Ode 1, 3) “...et serves animae dimidium meae” (“...e guardes a metade de minha alma”), mas em cujo título se pode também recordar o sofrimento de Cristo descrito pelos quatro evangelistas. Em homenagem ao poeta Giustino Bottari, descoberto e admirado nos bancos escolares do Ibaté, com quem na verdade convivi apenas os dois últimos anos de nossa adolescência, digito agora esta crônica, admirando o amante das Letras que foi, e lamentando a descontinuidade de nossa amizade, máxime no



Giustino Bottari

fim da vida.

Curiosamente a edição eletrônica nº 142 do informativo Echus do Ibaté (março-abril de 2016) coloca, na mesma página 4, dois poemas de dois grandes poetas do Ibaté, extraídos do jornalzinho interno Ecos da Tribuna de abril de 1959: “Reminiscência”, de Arnaldo Figueiredo, da 6ª série como eu, e “Apocalipse”, de Giustino Bottari, da 4ª série, mas com a mesma idade minha. Considerava eu então aos dois como grandes poetas, a exemplo de Waldemar de Faria, de Nazareth dos Reis, Joel Barbieri, Jurandyr Amadi, Getulino Maciel e Décio Pereira. Tanto é verdade que introduzi 19 (dezenove) poemas de Giustino Bottari em minha coletânea Arpejos da Aurora, na parte referente a São Roque, pois havia ainda os poetas de Aparecida e os do mundo.

Quando em 1959 o poeta Giustino Bottari estava no auge da consideração geral, eu me recolhia ao silêncio, despedindo-me da Virgem da Poesia. E com data marcada: 19 de março, dia de São José. Diante dos outros poetas eu me achava um poeta menor. Assim termino minha primeira coletânea solo de poesias, denominada “Vozes Marianas”, com o poema “Último adeus à Virgem da Poesia” a se encerrar com os seguintes versos: “Adeus, ó Casta Virgem, doce musa / dos bardos e dos vates verdadeiros. / Adeus pra sempre, ó VIRGEM DA POESIA!” Mal comparando, é como se eu, ao preparar a antologia coletiva Arpejos da Aurora, fosse uma espécie de João Batista anunciando para mim mesmo e para o mundo o aparecimento do novo Messias - Giustino Bottari.

Eu, porém, não acompanhei depois de perto o pleno desabrochar daquele gênio que despontava no seminário de São Roque em 1959, como aliás nos mostra também a edição nº 143, página 8, em “Giustino Bottari, saudades”, especialmente a mensagem de meu amigo e irmão José Moreira de Souza sobre a valorização de nossas capacidades por nossos superiores na época. Fui redescobrir meu coetâneo e patricio (porque Giustino Bottari era italiano de nascimento como eu) nas edições do Echus do Ibaté em que, a certa altura, criei com ele uma pequena polêmica sobre a real autoria de uma quadrinha sua que eu guardava de cor: “Se a morte, como dizem, / for descanso abençoado, / quanto moço neste mundo / quererá viver cansado?”

Eu duvidava que a Quadra fosse do Giustino Bottari simplesmente porque eu a tive pendurada em parede de casa

lá na Rua Maria Domitila, no Brás, e todo dia a tinha diante dos olhos. Seriam de autoria de meu companheiro de seminário aqueles versos tão completos e perfeitos que viraram um provérbio estampado para sempre em quadrinho de parede? Giustino Bottari se riu de minha desconfiança em artigo publicado no Echus. De fato, por que não seria de sua autoria? E talvez daí iniciamos uma pequena correspondência por e-mail sobre a qual desejo falar, não por ser exclusiva, mas para que outros de mais sorte falem dela também, se a mantiveram com ele por mais tempo. Porque tenho a impressão que todas as palavras dele são preciosas e geniais.

Essa curta e rica correspondência teve início em 07.06.2009, quando eu estava testando o e-mail de Giustino Bottari e provocando o poeta. A resposta veio em 13.06.2009 na confirmação dele sob o título “Le memorie nel petto riaccendi...”, um dos versos da ária “Và, pensiero”, cantada sempre com emoção (“hino nacional”?) pelos ibateanos. Como epígrafe inspiradora uma citação de versos da Divina Commedia, que começa com “or sei tu quel Virgilio e quella fonte...”, e termina com “Ò degli altri poeti onore e lume...” E nessa resposta vem o melhor, a preciosidade: um poema composto para mim. Sim, um poema de Giustino Bottari para um colega de São Roque chamado Letterio Santoro, com quem não se comunicava havia 50 anos. Era muita emoção de uma só vez!

Eis o poema, transcrito por inteiro: “Salve, Letterio, grande mestre e amigo! / Você não imagina o quanto cresce / meu ego, meu orgulho e vaidade, / quando meu nome, às vezes, aparece / lembrado por alguém que, em tenra idade,

/ viveu comigo em voluntário exílio. / Talvez por circular em nossas veias / mediterrâneo sangue em cor latina, / ou por, talvez, seguir a mesma ideia / de pôr na prosa a rima cristalina, / por isso, caro amigo, eu falo sério, / por isso eu elegi você, Letterio, / meu mestre, meu Dante e meu Virgílio.” E concluiu o texto assim: “Um grande e saudoso abraço. Giustino Bottari, coincidentemente também seu patrício.” Quanto exagero nas gentis palavras do amigo no poema a mim dedicado após encontrar-me na internet! Era uma descoberta para ambos.

Em 21.10.2009 de novo o poeta reclama por e-mail de não ter recebido o retorno do e-mail de 13.06.09, talvez por o não ter eu recebido. E o reenvia, dando-nos aos colaboradores um bom retorno: “Tenho acompanhado as notícias ibateanas pelo Exu, que é como costuma chamá-lo a Selma, minha cara e inteira metade (“Chegou o teu exu!”) e, sempre que me deparo com escritas suas, delicio-me ao mesmo tempo em que me fere a saudade. E a saudade, mestre, é castigo. Porque machuca, porque fere, porque dói. Mas é doce. Oh membranza sì cara e fatal. Seria-me muito reconfortante voltar a receber notícias suas. In bocca al lupo.” Como inexplicavelmente não vem resposta Giustino apela para o Mosca, imaginando em 27.10.09 três possibilidades de não ter resposta.

São elas: “ele me colocou na geladeira, tá fazendo retiro espiritual, ou então o endereço...está errado.” E não era nada disso, pois em 01.11.2009 finalmente eu respondo. E deixei-lhe a sugestão de escrever sobre a comemoração dos 50 anos de sua experiência no Ibaté, e sobre a morte do amigo

(*) Letterio Santoro, 76 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO, CRÔNICA DO CIDADÃO... Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Encontrei minha metade,
Me perdi por inteiro



FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Quem dá, esquece; quem apanha lembra!



José Moreira de Souza*

Nosso companheiro, Letterio Santoro, tem publicado neste Echus uma sequência de artigos sobre o tempo em que fomos “prefeito” no Seminário do Ibaté. Foi no ano de 1959. Nesses escritos, Letterio se refere a mim como convite para prosseguir conversa que iniciamos no facebook.

Na época em que desenvolvemos essa conversa, eu havia acabado de assistir a um filme com o título de “Capitão do Mato” e imediatamente tomei essa metáfora para aplicá-la ao “ser prefeito” no seminário.

Li também um livro cujo título é “Os contos e os vigários” cujo objeto se serve também para desenvolver a conversa nesse assunto.

Aconteceu o seguinte: no final do primeiro semestre do ano de 1959, o padre Constantino convocou ao seu apartamento - imagino porque assim se deu comigo -, alunos da sexta série os quais ele tinha em mente incluir no quadro dos prefeitos para o segundo semestre letivo.

Se o fato se deu desse modo, nosso eterno reitor teria conversado com Décio Pereira e Nílío Antônio - o Careca quer que seja Antonino - Vieira, escolhidos para serem prefeitos dos maiores, a divisão de São José; Letterio e Monteiro - Luiz Monteiro que até hoje muita gente confunde como Moreira - para serem prefeitos dos médios - Divisão de São Luiz -; e Emil Von Pinho e José Moreira de Souza para ocuparem o cargo de prefeitos dos menores - Divisão de São Domingos.

Comigo, o diálogo se deu desta maneira - tenho registro da conversa em um Diário em que somente registrei esse momento. Não consegui encontrá-lo, mas o conteúdo é mais ou menos o que reproduzo.

“Você se deu bem neste ano como “chefe do palco”, mas estou pensando em tirá-lo desse cargo. Não está decidido ainda, mas quero colocá-lo prefeito dos menores no próximo semestre. Você será “primeiro prefeito”. - Para quem não sabe, com o fechamento do Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora Aparecida, os alunos que cursavam primeira e segunda série foram transferidos para São Roque o Seminário Imaculado Coração de Maria se tornou Seminário Menor completo -. O futuro Dom Constantino prosseguiu: “Ainda não está decidido, mas você deve estar sabendo desde já. Prepare-se para ocupar esse cargo. Seja firme e atencioso, mas não dê bola.”

Foi o que ouvi e guardei.

Não sei os motivos da escolha, mas sei que foi para mim o maior desafio. No ano em que ingressamos no seminário de São Roque - foi em fevereiro de 1955 - viemos

de Aparecida e vivemos alguns contrastes.

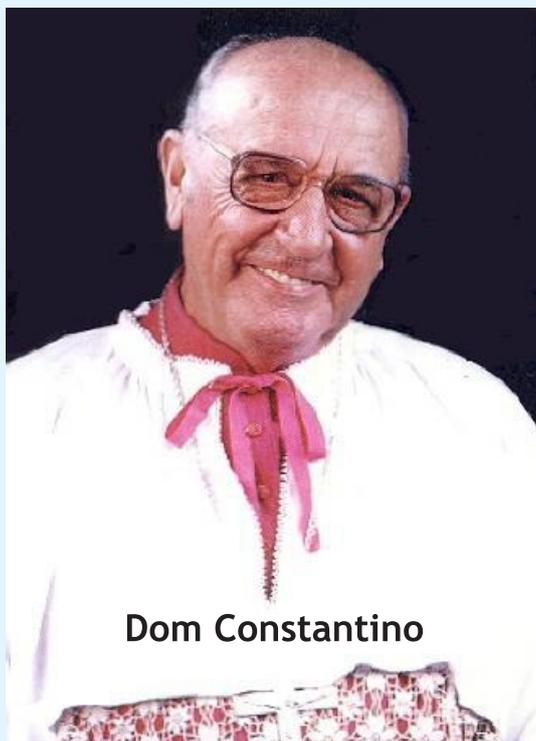
Em Aparecida, até então, iniciávamos frequentando o Admissão de um ano. As turmas do Admissão eram formadas em quatro salas A1, A2; B1 e B2. Do mesmo modo o primeiro ano era dividido em A e B. Em Aparecida, apenas o padre era prefeito - Padre Noé e posteriormente, padre Francisco Russo. Os escolhidos para o lugar que, em São Roque se chamava Prefeitos, em Aparecida tinham o nome de Suplentes.

Guardo belas lembranças de Benedito Jorge Filho e Wilson Bertolotti nesse lugar de suplentes e - quem apanha lembra - de péssimas lembranças de alguns suplentes cujos nomes devo omitir. Acontecia, porém, uma grande diferença entre os suplentes de Aparecida e os prefeitos alunos de São Roque. A distância. Veteranos e novatos, em Aparecida e os da sexta série e os da segunda em São Roque.

Ou seja, em Aparecida, os suplentes eram quase colegas. A diferença era demarcada pelo que Nobert Elias chama entre os “Estabelecidos e os out siders”. Ou pela leitura de uma das obras dadas à luz por nosso Cláudio Giordano pelos que tem direito de caçar e os calouros. [Leiam o Direito de Caçar] Se ampliarmos o direito de caçar ao direito de vigiar e punir, temos a atribuição dos suplentes incorporada na dos prefeitos.

Chegados a São Roque, tive como primeiro prefeito da Divisão de São José o Paulo Sebastião, ótimo orador e excelente ator. Não me esqueço de seu - dele - desempenho em El Safah o Sanguinário: “Até tu, Zu-el-mesma, até tu me abandonaste?”. O primeiro nunca se esquece, lembrou-me um grande marqueteiro. Não me lembro dos demais prefeitos. Melhor para eles. Se foram esquecidos é porque não foram nem capitães do mato, nem se impuseram como estabelecidos.

De fato, o seminário criou a instituição dos “Anjos” a que me referi em outra oportunidade. O anjo como “estabelecido” tinha a função de orientar o novato na compreensão das regras do bom comportamento e não apenas da disciplina. Hoje eu digo que o papel de um anjo era de crioulizar o novato. Ou pelo menos de cuidar para que o novato passasse do estádio de boçal para ladino. Ao crioulo é assegurada longevidade na instituição; o boçal, pobrezinho, se não cuidar de se tornar ladino, logo será excluído. Pior que isto, a comunicação com o boçal é carregada de castigos corporais: “Toma para você aprender... Não aprendeu ainda? então toma mais essa.” Tem gente que pensa que são coisas de senzala. São reminiscência da palmatória e do elogio à disciplina: “Litteras non intrant sine sanguine!” Era o preceito para a



Dom Constantino

educação.

Pois bem, ao meditar sobre a fala do Padre Constantino, tive em mente as vezes em que fui doutrinado pela Bíblia da palmatória. Em Aparecida um suplente me acusou ao padre Prefeito - padre Noé - e recebi “mercidamente” uma surra de que resultou em eu chorar tão alto que até Nossa Senhora Aparecida ouviu lá do fundo da Basílica Nacional. Para minha sorte, em seguida, o padre Noé me chamou conversou paternalmente e pude aprender com ele o que não foi possível saber o que diziam os safanões recebidos. Aprendi também o quanto se odiava o acusador. Ser chamado de acusador, entre nós crianças, era ser Judas - traidor. Ninguém tinha o direito de ocupar o lugar do prefeito, o padre, o Superior.

Disse que não me lembro do nome dos demais prefeitos em São Roque, a não o de Paulo Sebastião que foi o primeiro sem mácula. Houve, porém, um deles, infelizmente já na Casa do Pai que me parecia muito amigo. Certo dia, o “cujo” prefeito, o “dito cujo” pé ante pé, correu até minha carteira no Estudão e surripou-me um livro de Karl Mai que eu lia no momento do “estudo obrigatório”. Imagino que para ser reconhecido como competente, levou o livro imediatamente para o padre Expedito Marcondes - o padre prefeito ou padre ministro da

disciplina. No dia seguinte, antes do almoço, todos reunidos no refeitório, eis o Expedito, expeditamente repreendendo todos os alunos, sempre de olho em mim, - eu era todos - da irresponsabilidade quanto a nossos deveres. “Dever de estado é o dever de estudo.” Não bastasse isto, eis-me novamente humilhado no dia da “Proclamação das Notas”. 8 em “Comportamento” no Boletim, sem direito de subir as escadas para receber o tal o Boletim.

Foi com essa aprendizagem que me tornei prefeito dos Menores no segundo semestre de 1959. Passe seis meses emprestando Karl May para a criançada, cheio de medo de acusar qualquer criança e sempre disposto a conversar em lugar de punir.

Guardei essa lição por toda a minha vida. Em todas as posições de “chefia” que ocupei, transformei esse lugar como de “coordenação” para que todas as pessoas pudessem compreender o processo de viver em grupo sem necessidade de mando.

Ao final do ano de 1959, o padre Constantino avaliou meu desempenho dizendo, “você foi perfeito em tudo que fez, mas você não sabe delegar”. Pura verdade, não aprendi até hoje, porque aprendi na senzala; só faço o que sei, não faço nada em nome de ninguém. Nem em nome do padre.

(*) José Moreira de Souza, 75 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. zedeflora@gmail.com

NA CASA DO PAI

* Faleceu no dia 03 de outubro de 2015, aos 73 anos, o nosso colega JOÃO FRANCISCO TOLEDO (55/57).

* Faleceu no dia 30.11.2013, aos 95 anos, o PE.LUIZ ILC. Ele foi professor em São Roque na década de 60.

* Faleceu no dia 25.07.2016 o amigo de todos os ibateanos CLAUDIO BONILHA. Ele era nosso contratado em todos os encontros realizados em São Roque. Ele tocava órgão, participava do nosso coral e instalava todas as aparelhagens de som, na capela e no páteo. Estava de viagem ao Japão, onde visitava familiares e veio a falecer. As nossas condolências aos familiares. Na foto Claudio em nosso último encontro em agosto de 2015.



João Toledo



Pe. Luiz Ilc



Claudio Bonilha



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

O “c” salva ou condena?

Joaquim Benedicto de Oliveira*



Antes de mais nada, peço licença para continuar frequentando a sala do Mestre Moreira, e, por extensão, a sala do Ibaté, claustro fraterno de amigos cuja alegria do encontro é permanente celebração, sustentada pelo queijo (este repartido entre todos) e pela cachaça mineira (esta surripiada pelo Atílio, com muita falta de Caridade!).

Mas, continuando a conversa, garanto que nem meu pai nem minha mãe foram responsáveis pela grafia do meu nome. Com certeza coube ao escrivão do cartório de Salto o registro do Benedicto. Soube, em conversa com meus tios, que foi uma homenagem de minha mãe a São Benedito, de quem era devota. E em devoção de mãe, que filho terá o direito de meter o bedelho?

O fato é que este meu “segundo” nome poucas vezes chamou a atenção. Com efeito, nunca fui Benê, mesmo porque jamais fui da elite; nunca fui Ditinho, eis que o Quinzinho, desde sempre, foi uma contraposição ao xará meu tio, que era o Quinlão. No entanto, o Benedicto despertou a admiração de um médico do Hospital do Servidor que, demonstrando especial preconceito, assim me recebeu numa consulta: “Épa! Quando chamei Joaquim Benedicto, pensei que iria dar de cara com um negão!” Bolas!

Admiráveis, porém, foram as duas vezes que o **cezinho** serviu para alguma coisa na minha vida. A primeira deu-se na década de 1970, por ocasião da compra de minha casa, esta mesma em que habito, até hoje. No processo de aquisição, através da Caixa Econômica Federal, em determinada etapa das negociações, um dos cartórios pesquisados para descobrir possíveis impedimentos à transação, indicou a existência de um irregular cheque em meu nome. Tratava-se de um fato envolvido numa inexplicável “falta de fundos”. Uma ameaça a meu pacto com a Caixa. Que sufoco!

Correndo atrás dessa inesperada questão, constatei que se tratava de um sinistro homônimo. E quem me salvou dessa enrascada? Ele! O “c” do Benedicto. Bendito seja! O Benedito, meu homônimo, não tinha o **cezinho**, este salvador da minha moral e meu inesperado fiador para a continuidade das operações com a Caixa. Bendito seja o escrivão saltense! Provedor que me presenteou com aquele pequenino apêndice, afortunadamente apostado ao meu nome. Eis uma verdadeira preciosidade abençoada na história da minha vida e da minha casa!

Mas como todo símbolo tem sua antítese, descobri

mais tarde a contraposição, o outro lado de meu **cezinho** de estimação. Muito tempo depois, casa agora comprada e, finalmente, paga em intermináveis quinze anos, eis que, como professor, tenho de habilitar-me profissionalmente, fazendo a tese de Mestrado. Foi mais um tempo de durezas e atribulações, de trabalhos e de estudos intensivos com o fim de atender às exigências da Academia. Aceito e matriculado no curso de mestrado em Ciências da Religião, esforço-me para desenvolver uma dissertação que relacionasse Literatura e Religião.

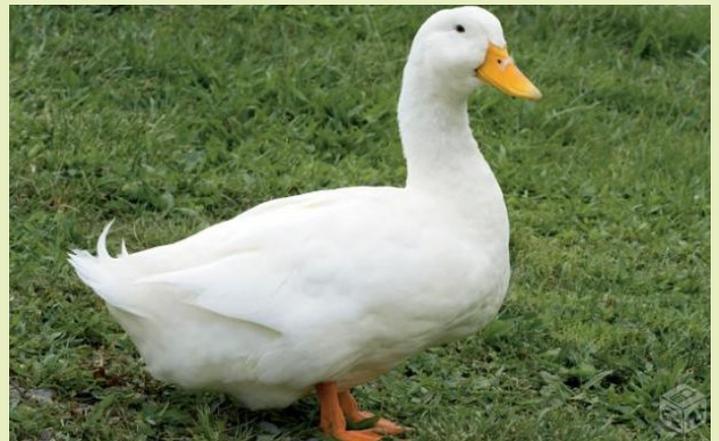
Escolho, por isso, trabalhar um delicioso romance da Literatura Brasileira, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e procuro selecionar, para análise, um episódio dessa história, sob os pontos de vista literário e religioso. Desse modo, relacionei o pacto do personagem Riobaldo, herói da trama, com o Demônio, enfocando esse trecho como mito e como rito. O resultado final foi de muito proveito do ponto de vista intelectual e também me ajudou muito a compreender as relações entre Literatura e Religião!!!

No entanto, aconteceu algo de estranho nessa história e que me assusta até hoje. Com efeito, apresentado este trabalho no ano de 1994, eis que o anuário das defesas de tese, publicado pela PUC de São Paulo em 1995, dá conta de que elaborei essa dissertação de mestrado, no Programa de Ciências da Religião, com o título de “**O pato de Riobaldo com o Demo**”. Céus! O que foi isso? Apronto do próprio Demo? Ou o escrivão saltense, por alguma obscura razão, absolutamente desconhecida, resolveu cobrar de mim aquele até aqui decantado benefício do **cezinho** no meu Benedicto? Por que, gente amiga, o pacto virou pato? Por quê? E, pasmem comigo todos, jamais foi possível corrigir essa hecatombe universitária pornograficamente tipográfica!

Bendito **cezinho**? Maldita falta do **cezinho**? Sei lá. Só sei mesmo que um dia ele me absolveu e noutra dia sua falta me condenou a pagar um pato que estragou minha tese.

Esta é minha atual revelação: quem pagou o pato fui eu!

O pato de Riobaldo com o Demo?! Só falta adivinhar, por artes dos Céus ou dos Infernos, quem riu mais: Riobaldo, o Demo ou a sala do Moreira?

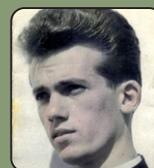


(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 78 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP
joka.oliveira@uol.com.br

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Prezado Wilson Mosca, grato pelo envio do nosso jornalzinho. Muito justa a homenagem prestada pelo colega Antônio Carlos Correa à memória do nosso inesquecível DARCY CORAZZA. Ele que bem soube em sua vida dar um grande testemunho de Fé e confiança no providência divina. Quando conversávamos com Corazza, nos sentíamos encorajados a viver com mais otimismo. Ele, para mim, era um referencial de Deus. E suas abalizadas palavras sobre a Fé e a teologia nos transmitiam uma renovada e autêntica interpretação. Isto nos inspirava credibilidade e conforto espiritual. Corazza foi um eleito do Senhor. Em Deus, continua intercedendo por todos nós! Um fraternal abraço. Salvador-BA, 20.06.2016 jramalho47@gmail.com

CASO EDIFICANTE



José Lui*

O COGUMELO

Dois amigos se encontram depois de anos:

- Orestes, Como vai?
- Não muito bem, Luiz, tenho má sorte com as mulheres, não consigo uma vida sentimental tranquila, veja que no mês passado casei-me pela 4ª vez.
- E as outras tres mulheres?
- Morreram.
- E como morreram?
- A 1ª gostava tanto de cogumelos que comeu um envenenado e não se pode fazer nada, morreu subitamente.
- E as outras?
- A 2ª também gostava muito de cogumelos e teve o mesmo fim.
- Não me diga que também a 3ª morreu envenenada por cogumelos?
- Não, Luiz, a 3ª morreu de tantas porradas que lhe dei pelo fato de não querer comer cogumelos!!!

ANTES DO CASAMENTO

- ÊLE: Oi querida
- ELA: Oi querido
- ÊLE: Finalmente, quanto esperei por este momento.
- ELA: Quer que vá embora?
- ÊLE: Não, jamais. Só em pensar nisso fico arrepiado.
- ELA: Você me ama de verdade?
- ÊLE: Certamente, em todas as horas do dia e da noite.
- ELA: Você me traiu alguma vez?
- ÊLE: Claro que não, porque você me faz esta pergunta?
- ELA: Você quer me dar um beijo?
- ÊLE: Sim, todas as vezes que tiver ocasião.
- ELA: Será capaz de bater-me?
- ÊLE: Você ficou louca? Sabe muito bem como sou.
- ELA: Posso acreditar em você?
- ÊLE: Sim
- ELA: Oi tesouro

DEPOIS DE 7 ANOS

Releia o texto de baixo para cima e descubra o que aconteceu depois de 7 anos .

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

Confuzione

Luiz Loureiro*



Apesar de serem onze horas da manhã, ele enxergava muito pouco. Assim que saiu do consultório do oculista, onde dilatara a pupila, se deu conta da quase cegueira.

Era a sua primeira vez em Roma e o consultório ficava pertinho do Vaticano.

Bem que eu poderia aproveitar para conhecer a Praça São Pedro, mas, com essa vista turvada? De qualquer forma, amanhã vou embora pro Brasil, não sei se vou poder voltar aqui, melhor garantir hoje.

E saiu em direção à praça, tateando as paredes.

Logo percebeu a multidão que se aglomerava em frente à basílica. Aos esbarrões e tropeços, foi se integrando à massa de turistas.

Daí bateu aquela vontade desesperada de ir ao banheiro.

Eu sem enxergar quase nada. Ops! Desculpa! Mais um esbarrão desses e vou acabar apanhando.

Aí meu Deus! Agora tá urgente, preciso me informar onde fica a privada mais próxima. Per favore...putz, o cara respondeu em alemão, tô ferrado! Sinhore...ôpa esse fala português, é brasileiro, ai que sorte!

- O senhor saberia me dizer onde tem um banheiro aqui próximo?

- Fica ali, a uns trezentos metros.

Apé não vai dar tempo.

- O senhor poderia parar um táxi pra mim, não tô enxergando nada, a pupila, sabe?

- Claro, segura no meu ombro que eu te coloco dentro do carro.

- Obrigado.

- Conduutore, banheiri, per favore, urgenti, capisce?

E, claro, o motorista não entendeu porra nenhuma.

Putz que gritaria é essa? O povo tá berrando em tudo o que é língua. Ôpa, essa eu entendi: maluco, maluco! Deve ter um português doido solto por aí. De

novo: cai fora, cai fora! Tá acontecendo algum problema sério. Agora tô entendendo tudo. Estão gritando também o nome do Papa.

E ele começa a gritar também, dentro do carro: Viva o Papa, viva o Papa!

A polícia chega com as sirenes abertas. O pessoal das TV's vem

para cima:

- Do you speak English? Parla Italiano?

Antes que pudesse responder, os policiais o agarram e o algemam, num piscar de olhos. Ele também pisca feito doido, as pupilas coçando, sem entender o que está acontecendo. Até que o efeito do remédio passa e ele volta a enxergar bem.

Só daí se dá conta de que o brasileiro, amigo da onça, que deveria chamar o táxi, na verdade o colocara dentro do Papamóvel.



Papamóvel

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 67 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

INUNDAÇÃO FEITICO

Junto a rios, se morares,
Corres riscos de ocasião
de repente de acordares
com os pés na inundaçãõ.

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

O homem perdeu o juízo
e investiu na poluição
está colhendo o prejuízo
tempestade e inundaçãõ.

Alfredo Barbieri (49/53)

Inundaçãõ só se for
de paz e prosperidade;
que a chuva seja de amor,
bem longe a calamidade.

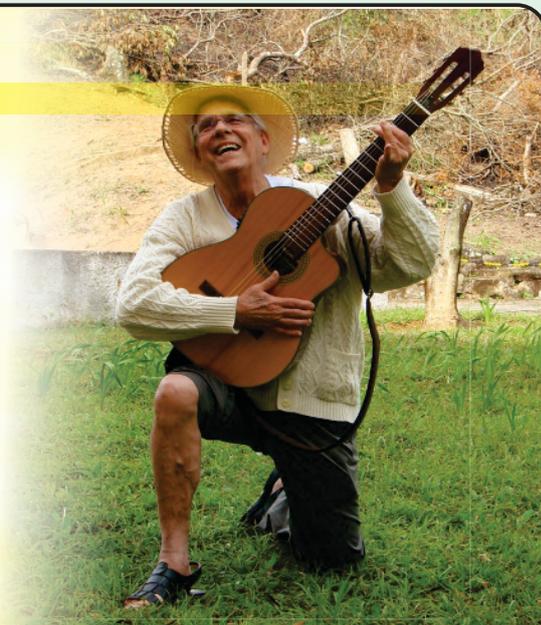
Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

INUNDAÇÃO FEITICO

Se feitiço é bruxaria,
também é fascinaçãõ...
de encantar é a energia,
que a libido tem à mão.

Quem conhece a minha terra
fica preso ao seu feitiço,
tanta beleza ela encerra
tem amor, encanto e viço.

Não há feitiço que cure
a dolorida saudade,
mas há sempre quem procure
somente a felicidade.



Temas para o
próximo ECHUS:
OLIMPIÁDA e PARAOLIMPIÁDA
Envie-nos você
também a sua trova.

A DESCOBERTA



Euclides Albino dos Santos*

A jovem não completara ainda dezoito anos. Ressentia-se da ausência do Pai. Nem sequer ele foi a sua formatura. Viajando. Não a viu no time, jogando com suas colegas. Não passeou com ela no parque. Chegou atrasado na festa de seus quinze anos.... a desculpa, sempre a mesma: -Trabalho, filha, muito trabalho.

Sentia que ele a amava. Comprava tudo que ela queria e até mais. Dinheiro não faltava. Mas, estava sempre ausente, trabalhando, comprometido com pessoas estranhas ao ambiente familiar.

Naquele dia ela sofrera uma grande decepção. Sentia-se só, desamparada, abandonada. Rompera com o namorado. Foi-se a amizade. Frustração do amor. Resolveu procurar o pai. Contar-lhe suas angústias. Desabafar. Lá se foi ao local de trabalho.

Entrou. Não olhou para ninguém. Não cumprimentou ninguém. Foi direto à sala do pai. Abriu a porta decidida, sob o olhar e a reprovação da secretária que não teve tempo de a impedir.

O pai olhava no vazio, com olhos desanimados, corpo derreado na cadeira, feições abatidas, mãos paradas. Disse: -Pai, preciso falar com o senhor. -Agora não, filha. Tenho muito trabalho. Não tenho tempo. Senão a empresa desmorona, vamos a bancarrota. Preciso

encontrar soluções urgentes. Tenho uma reunião logo mais. Não posso. -Pai, o senhor está cansado, desanimado, estressado. Quanto tempo faz que não vê uma criança brincar? Sentou-se descontraído num banco do parque? Olhou as árvores? As pessoas a passarem? Andou pelas ruas, a pé, descomprometido? Parou diante de uma vitrina? Olhou os objetos artisticamente expostos? Não, Pai. O senhor não vai ficar aí a remover problemas. Senão, quem vai desmoronar, quem vai a bancarrota é o senhor. Vamos sair. Andar, conversar, ver a vida sem medo de ser feliz.

Agarrou o pai pelas mãos e o arrastou para fora, sob o olhar estupefato dos empregados que não a conheciam. A secretária ainda correu atrás dele para assinar um papel. Ele a afastou e disse: -Agora não, depois. E saiu com a filha, pela primeira vez como adultos.

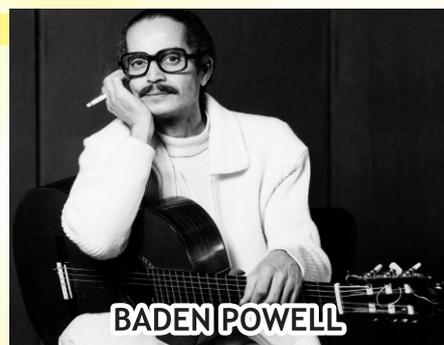
Passearam pelas ruas. Contemplaram vitrinas. Sentaram no parque. Comeram pipocas. Viram a vida e os movimentos descomprometidos. Pessoas e árvores, flores a embelezarem a paisagem. Conversaram muito. Voltaram para casa ao entardecer, como se não existisse empresa. Naquela tarde, ele descobriu que tinha uma filha que o amava, o apoiava e se preocupava com ele. Foi-se o estresse, nasceu uma amizade. Pai e filha se descobriram mutuamente e foram felizes para frente.

(*) Euclides Albino dos Santos (53/59) in memoriam. Falecido em 12.04.2014

PARÓQUIA DAS TROVAS II

PARÓQUIA DAS TROVAS (2) - TEMA LIVRE

A partir desta edição teremos PARÓQUIA DAS TROVAS com temas pré-definidos e com temas livres. Apresentamos nesta edição trovas TEMA LIVRE de 3 colaboradores: Antonio Correa-Careca (64/67) trovas em homenagem a BADEN POWELL, Antonio Jurandyr Amadi (51/57) e Jaime Pina da Silveira (52/58) ex-aluno do Colégio São José-Pouso Alegre-MG, padres Pavonianos.



APENAS E TÃO SOMENTE, UM VIOLÃO

Homenagem a BADEN POWELL DE AQUINO

Antonio Correa-Careca (64/67)

Quantos mundos se concebem
e, imagina o coração,
tantos sonhos nos embebem...
só de ouvir um violão!

Suas cordas de veludo
pinçam pais, o amigo, o irmão
e o amor, mais do que tudo,
só de ouvir um violão!

Mil espinhos desta vida,
inclusive a solidão...
pensam n'alguma saída,
só de ouvir um violão!

Dores, nada casuais,
fazem parte da equação;
tornam-se meros sinais
só de ouvir um violão!

Nuvens negras se esvanecem,
rompe a aurora, há um clarão;
nossas forças se abastecem,
só de ouvir um violão!

E um bem-estar enlevado,
com a chancela da paixão,
magicamente é alcançado,
só de ouvir um violão!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Todo italiano pedreiro,
se risca esboço de planta,
faz-se completo garganta,
posando já de engenheiro!

Resta o exterior prá mostrar,
como precioso atavio,
a quem precisa ocultar
um interior que é vazio!

Mercadoria violada
e já de lacre partido,
além de estar estragada,
de seu conserto duvido!

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Se em nós, idosos, dá umtroço,
logo me abraço à mulher.
Mas, quando ela quer, não posso;
Já, quando eu posso, não quer.
Vencedora UBT-Cantagalo-RJ, 2016

Cornélio...desesperado...
abre o armário [arma na mão].
- Você, compadre?...E aliviado:
- Pensei que fosse um ladrão!

- Ô, meu bem...tô com vontade!
- Cê já tem cem anos, Nico!
- Ô, mulher, mas que maldade,
- Traga logo esse penico!
Vencedora UBT-São Paulo-2002

Envie-nos você também a sua trova
TEMA LIVRE

Photantiqua

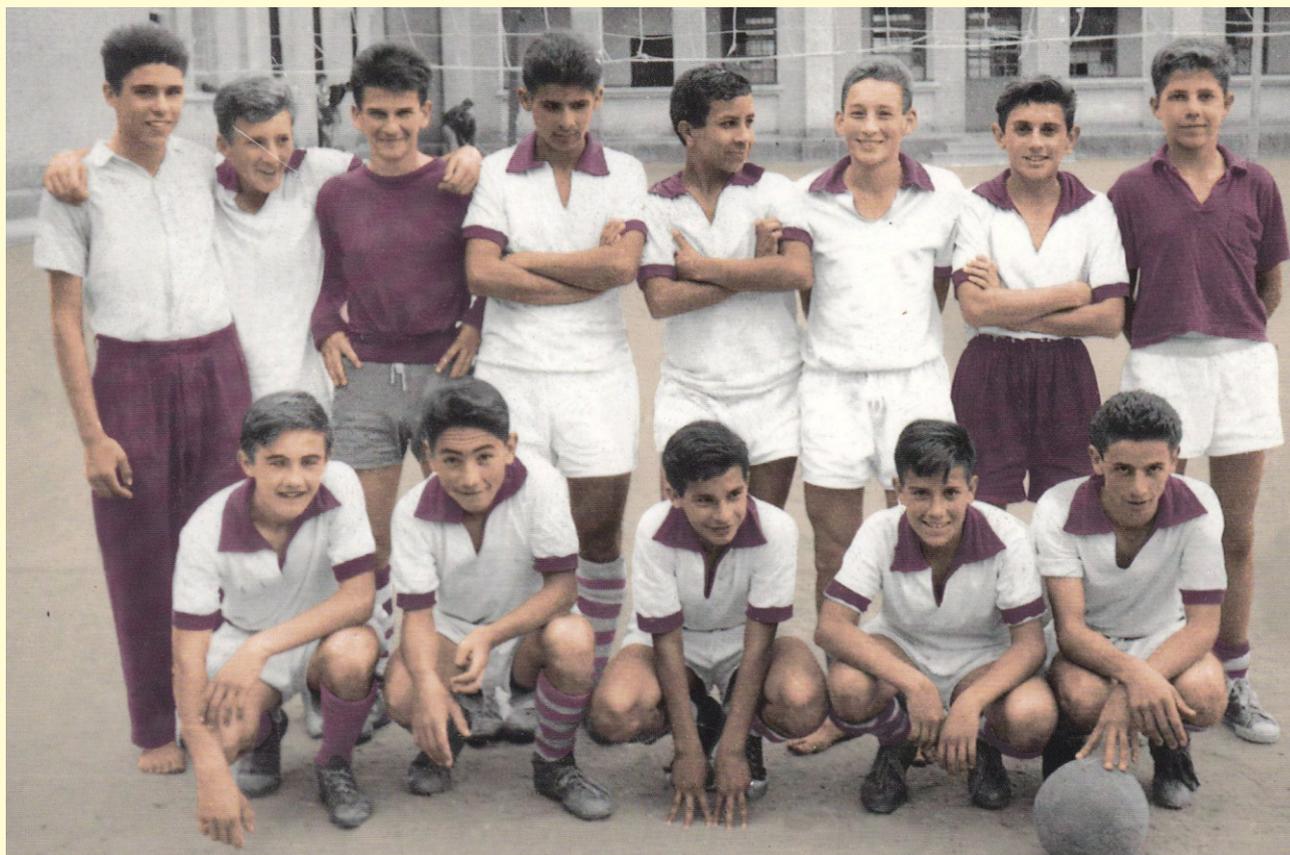


Foto cedida por Victor Cruz (61/64). Galo de Ouro no ano de 1964.

Em pé: Fernando Vieira Torcato, Victor Cruz, Sergio Arlindo Montini, Nadir Fermino, João Carlos de Lima, Valter Cruz, Francisco de Moraes Filho e Heleno Cesarino.

Agachados: Antonio Carlos Marques, Jayme Bernardo Freire, Waldecy Gomes da Cunha, Paulo Antonio da Cunha Cimi, e José Carlos Bochini.

Nota: Sergio Arlindo Montini e Heleno Cesarino falecidos.

AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:

ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP



X



em ITATIBA

Novamente somos convidados pelo casal amigo, **ROVIRSO APARECIDO BOLDO (64/69)** e **OKSANA DZIURA**, para mais um dia de delícias e conagraçamento no santuário futebolístico dos amigos do Seminário de São Roque. Galo de Ouro e Leão de São Marcos se enfrentam novamente, revivendo as tardes ensolaradas dos domingos dos tempos do Ibaté. Depois da última goleada sofrida o Cacique dos Araçás garante que desta vez tudo será diferente. Da última vez nem com ajuda dos juízes. O que será que ele aprontará deste vez? Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal.

Será dia 13 de agosto próximo, um sábado, a partir das 9:00 horas. Legal! Se você nunca apareceu por lá, não é agora que vai perder, de novo, esta oportunidade!?! Sempre um dia de sol, os amigos ali, a tranquilidade de horas inesquecíveis, distante dos flagelos e poluição do cotidiano. Um oásis no deserto desta perversa correria. Você pode vir acompanhado, e cada um levará a munição de alimentos e bebidas que for consumir. Maiô, biquíni e short: há uma bela piscina. Ah, não se esqueça, vá preparado para disputar torneio de espiribol! Tudo isso é encontrado no Condomínio Itaambu, em Itatiba. Na altura de Jundiá, indo pela Rod. Bandeirantes ou Anhanguera, procure sinalizações para Itatiba. Chegando em Itatiba, vá em direção a Bragança Paulista. Após passar sob o viaduto, que é a Rod. D. Pedro I, ande mais uns 3 km e, entre à esquerda (há sistema adequado de retorno pela pista da esquerda) tão logo aviste um posto de gasolina. Damos como referência o Shopping Moenda. Desça uma estradinha asfaltada, de 2 km, até o condomínio. Lá se identifique: sou do Ibaté e terá as portas abertas. Até lá!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.07.2016	
POSIÇÃO EM 31.05.2016	11.524,68
ENTRADAS	
Contribuições e doações	450,00
Juros	135,11
TOTAL ENTRADAS	585,11
SAÍDAS	
Diagramação Echus 143	490,00
Desp. Correios	20,00
Despesas Bancárias	44,65
TOTAL SAÍDAS	554,65
SALDO ATUAL 31.07.2016	11.555,14
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A **Turma do Ibaté** agradece as contribuições recebidas no período de 01.06.2016 a 31.07.2016, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Antonio José de Almeida, Asdrubal Baruffaldi, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva e Vicente de Paulo Moraes. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviemos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Asdrubal Baruffaldi, Euclides Albino dos Santos (in memorian), Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Paulo Francisco Toschi.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: * E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com * Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com * E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com * "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br * Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br * Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate

* Comunidade IBATEANOS no Facebook * Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

Diagramação:
Conexão Propaganda (11) 4063-9081

